

EDITORIAL

Não obstante a importância da interdisciplinaridade costumar ser reconhecida em âmbito acadêmico, permanece rara, todavia, sua concretização. Tal dificuldade não acontece apenas nos contatos e nas produções entre Departamentos diferentes mas é, cada vez, mais frequente observar a dificuldade de comunicação entre profissionais de uma mesma área, mergulhados de maneira progressiva em um processo de verticalização do conhecimento.

Entende-se a difícil tarefa que é a de compreender a realidade, esse universo complexo, multifacetado e dinâmico. Por isso mesmo, até certo ponto, esta decomposição da realidade em parcelas mais “simples”, mais “palatáveis” pode ser justificada. O que não deve ser justificada é a fragmentação pura, sem que em nenhum momento, se busque um elo capaz de ligar o particular ao todo, incorrendo no isolamento e na incapacidade de diálogo tanto externo quanto interno às diversas áreas de conhecimento.

Por isso mesmo, iniciativas como a da Revista Interfaces Científicas são ainda mais louváveis, pois

demonstram a possibilidade de comunicação não só no seio da Academia, mas também entre a Academia e a Sociedade como um todo. Os artigos deste Número abordam temáticas variadas: aspectos comerciais ligados ao marketing e à cultura na Argentina; desafios da pesquisa comparada; religião católica e práticas homossexuais; território e trabalho entre as quebradeiras de coco babaçu; estratégia empresarial; religiões de matriz africana; coronelismo; networking; estatísticas de homicídios e políticas públicas de segurança. Foram produzidos por profissionais de diferentes áreas: Economia, Filosofia, Psicologia, História, Ciências Sociais, Direito, Administração, Contabilidade, Segurança pública, Geografia. Em comum, existe o compromisso em debruçar-se atentamente sobre seu respectivo objeto de estudo buscando compreendê-lo e apresentá-lo em sua complexidade, respeitando a condição interdisciplinar em suas abordagens.

Convido a todas e a todos a partilhar dos frutos dessas pesquisas, que nos instigam não apenas a pensar mas também a agir no mundo de maneira mais consciente e responsável, quiçá mais justa e efetiva.

Eliana Calado

*Professora de História da
Universidade de Pernambuco
Doutora em História Cultural pela
Universidade de Brasília*